



## Editorial

O retorno para a terra de origem, enquanto possibilidade, constitui um elemento constitutivo do projeto migratório da grande maioria das pessoas em mobilidade. A migração, em princípio, antes que abandono é afastamento temporário de um espaço social para o qual se almeja regressar. Trata-se de um espaço social que continua vivo no migrante, enquanto memória do passado, ponto de referência para o presente diaspórico e, sobretudo, perspectiva para o futuro. No entanto, o retorno, *stricto sensu*, representa uma ótica ilusória, pois, como afirma Abdelmalek Sayad, “não se pode voltar ao tempo da partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou, tal qual se deixou” (*A imigração e os paradoxos da alteridade*. São Paulo: USP, 1998, p. 12). Enfim, pela irreversibilidade do tempo ninguém pode retornar em um idêntico espaço social.

No contexto das migrações contemporâneas, houve um aumento sensível do número dos assim chamados “retornados” após a crise econômico-financeira que assolou a economia de muitos pólos de atração a partir de 2007. O fenômeno do retorno tem pautado debates sobre as assim chamadas políticas de integração ou acolhida de pessoas que, mesmo tendo nascido no país, voltaram após a emigração num espaço social muito diferente, podendo, por isso, enfrentar sérias dificuldades de inserção. Por outro lado, a crescente presença desses migrantes retornados contribuiu a alterar o campo social do país de origem, gerando novas dinâmicas sociais e reconfigurações identitárias.

Para além disso, nos últimos anos, a questão do retorno está sendo reinterpretada a partir de novas categorias analíticas, num contexto caracterizado cada vez mais por relações transnacionais e desterritorializadas, que ultrapassam as rígidas fronteiras da “ida e volta”, da “emigração e imigração”, e apontam para uma circularidade migratória, bem como para campos sociais que interligam diferentes países. É nesta perspectiva que este número da REMHU aborda o tema do “retorno e circularidade” a fim de aprofundar esse complexo fenômeno a partir de diferentes perspectivas analíticas e dados empíricos oriundos de diferentes contexto migratórios.

*Leonardo Cavalcanti e Sònia Parella*, que junto à equipe do CSEM organizaram o dossiê da revista, apresentam, no texto inicial, os vários artigos que compõem o dossiê monográfico, que contém contribuições de *Jean Pierre Cassarino, Liliana Rivera Sánchez, Silvia Marcu, Duval Fernandez e Maria da Consolação Castro, Sônia Pereira e Sueli Siqueira, Maria Catarina Zanini, Glaucia de Oliveira Assis e Luis Fernando Beneduzi, e Runa Lazzarino.*

Na seção Artigos, *Élio Gasda* desenvolve uma rica reflexão bíblica sobre o Tráfico de Pessoas, tema da Campanha da Fraternidade de 2014 da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil; o economista *Rodolfo García Zamora* debate sobre a relação entre Migração e Desenvolvimento na região de Zapateca, no México; a seguir, *Andrés Freire e Erika Masanet* abordam o tema da integração de médicos latinoamericanos na Catalunha, evidenciando as variáveis que favorecem ou dificultam o processo de inserção; à religiosidade popular é dedicado o artigo de *Rafael Alarcón e Macrina Cárdenas Montaño* que, após uma apresentação de emigração mexicana para EUA, aprofundam a devoção dos emigrantes a Juan Soldado, João Batista Scalabrini e Santo Toribio; *Carmem Lussi*, por sua vez, analisa o papel das associações de migrantes, das organizações e da academia na promoção dos direitos humanos no âmbito da migração, evidenciando as peculiaridades de cada um desses atores sociais; finalmente, *Carolina Andrea Maidana* debruça-se sobre a migração de grupos indígenas *Toba* em áreas urbanas, na Argentina, a partir das categorias analíticas de redes sociais e correntes migratórias.

A secção de Resenhas, Teses e Dissertações encerra o volume.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!